



Encontro Nacional de Artes da Cena

ESTÉTICAS FEMINISTAS EM PROCESSO: UMA JORNADA PELAS PRÁTICAS DO LABORATÓRIO MADALENA E DO TEATRO DAS OPRIMIDAS

Vitória Madalena Pistoreli Alves¹
vitoria.alves@ichca.ufal.br

Daniela Beny Polito Moraes (Orientação)²
daniela.moraes@ichca.ufal.br

Resumo: O artigo apresenta o projeto de levantamento e análise do Laboratório Madalena e do Teatro das Oprimidas, embasado no Teatro do Oprimido de Augusto Boal, para entender a representação e voz das mulheres nas artes cênicas. Identificando como as práticas do laboratório, promovem resistência a opressões patriarcais. O texto também traz a experiência pessoal da autora, destacando a importância de escolher temática feminista e de ampliar referências de pesquisadoras mulheres na universidade e na prática teatral.

Palavras-chave: Estéticas Feministas, Laboratório Madalena, Teatro das Oprimidas

¹ Discente do sétimo período do curso de Licenciatura em Teatro, bolsista PIBIC/UFAL com o projeto Pesquisa Levantamento e Analise do Laboratório Madalena e Teatro das Oprimidas: Proposição Metodológica de processo criativo no teatro para mulheres com orientação do Prof. Dr. Otavio Cabral e Profa. Dra. Daniela Beny.

² Docente do curso de Licenciatura em Teatro - UFAL

Neste presente artigo que você leitora está contemplando iremos falar sobre o projeto: Levantamento e Analise do Laboratório Madalena e Teatro das Oprimidas: Proposição Metodológica de processo criativo no teatro para mulheres, criando por mim Vitória Madalena Pistoreli Alves, possuo 26 anos e sou uma mulher branca nascida na cidade de Caxias do Sul no estado do Rio Grande sul em uma família de classe “baixa” com uma mãe sulista e um pai nordestino, atualmente moro em Maceió- Alagoas estado onde meu pai nasceu, curso Teatro Licenciatura na Universidade Federal de Alagoas e curso dança na Escola Técnica de Artes da UFAL.

Imagino que você cara leitora esteja se perguntado qual o motivo da escritora desse artigo estar se apresentando dessa forma e falando apenas no feminino, pois bem, acho importante você conhecer minimamente quem eu sou, já que esse artigo vai tratar não só sobre o que é a minha pesquisa, mas também o porquê da escolha desse tema, já o motivo de estar falado no feminino com vocês leitoras, é por que tudo que é escrito sempre é escrito no masculino, exemplo: na frase acima o comum seria escrever “caros leitores”, mas dessa vez resolvi fazer diferente, e caso você esteja se perguntado, sim é um artigo científico, mas como minha orientadora falou que poderia ser mais pessoal, já que se trata de contar sobre o meu projeto que está em processo, então não se trata do resultado da pesquisa, mas sim o inicio da minha jornada como pesquisadora.

O projeto propõe uma análise e levantamento sobre o Laboratório Madalena e o teatro das Oprimidas, tendo também como embasamento teórico o Teatro do Oprimido, desenvolvido por Augusto Boal. A pesquisa buscará compreender como as práticas teatrais e os métodos de criação deste laboratório contribuem para a representação feminina nas artes cênicas e como elas fomentam o empoderamento e a voz das mulheres em contextos de opressão, trazendo a reflexão da importância da voz Femina para o teatro. O teatro, como forma de arte e expressão cultural, sempre foi um espelho da sociedade, refletindo suas dinâmicas, conflitos e especialmente suas desigualdades, historicamente as mulheres têm sido sub-representação nos palcos, tanto como personagens quanto como criadoras, intérpretes e pesquisadoras da arte.

O Teatro das Oprimidas é uma prática teatral criada em meados de 2009 para enfrentar e questionar as formas de opressão, especialmente as relacionadas às violências machistas contra as mulheres. Ele surge da necessidade de desenvolver produções teatrais que não

culpabilizem as mulheres pelas violências de que são vítimas, promovendo uma compreensão mais ampla e solidária dessas experiências, essa abordagem valoriza a participação de artistas-ativistas como facilitadoras, promovendo o diálogo com o público por meio de técnicas como o Teatro Fórum criado em 1973 e Teatro Legislativo criado em 1990 por Agusto Boal.

Neste contexto Laboratório Madalena fundado por Barbara Santos e Alessandra Vanucci, se destaca como um espaço de pesquisa e expressão dedicado às mulheres, focado no reconhecimento e na transformação da vivência do corpo feminino. Criado em 2009, o Laboratório utiliza as técnicas do Teatro das Oprimidas, para explorar as experiências, imagens, expectativas e papéis atribuídos às mulheres em diferentes culturas e contextos sociais. Seus encontros, realizados em diversos países, investigam as representações ancestrais, culturais e pessoais do corpo feminino, promovendo ações coletivas como performances, teatro fórum e manifestações públicas, sempre com enfoque na reflexão sobre a emancipação, os estereótipos e a presença social da mulher. O projeto busca além do levamento bibliográfico sobre o tema organizar metodologicamente as técnicas do Laboratório Madalena, propondo uma metodologia específica baseada no Laboratório e no Teatro das oprimidas, tendo como objetivo incentivar e dar a voz pra mulheres escreverem suas metodologias e suas ideias como pesquisadoras na área do teatro.

A escolha do Laboratório Madalena e do Teatro das Oprimidas como tema de pesquisa se dá pela importância crescente das artes como ferramentas de mobilização social e crítica cultural, em um mundo marcado por desigualdades e injustiças, é fundamental investigar práticas que promovam a inclusão e a voz de grupos historicamente marginalizados.

A escolha desse tema também tem motivo pessoal onde como aluna em formação de um curso de teatro Licenciatura e artista que trabalha com o teatro há um tempo, me vi rodeada de escritores homens, diretores homens, professores homens, teóricos homens, e fiquei me perguntando qual o motivo de temos tantas poucas mulheres de referência e poucas professoras dentro da universidade, já que é um curso majoritariamente cursado por mulheres, por que temos poucas ocupando cargos de poder? Me vi querendo ler pesquisas feitas por mulheres, então me deparei com a pesquisa de Barbara Santos e o Laboratório Madalena, na hora soube que o meu TCC e o meu projeto de pesquisa seria sobre o Teatro das Oprimidas, sempre gostei de Augusto Boal e o Teatro do Oprimido, cheguei cogitar de escrever sobre, mas não sabia qual

vertente seguir, até encontrar um artigo falando sobre o Laboratório Madalena e o Teatro das Oprimidas que não é o feminino do TO, mas sim uma metodologia com propostas específicas para o fazer teatral.

Nesse início de pesquisa comecei lendo o livro “Teatro das Oprimidas: Estéticas Feministas para Poéticas Políticas” de Bárbara Santos, onde ela conta um pouco da sua trajetória como Kuringa do TO e o que levou ela a criar junto com Alessandra Vannuci o Laboratório Madalena, a sua criação vem do questionamento sobre como seria construir um ambiente onde as mulheres não estivessem apenas no papel de oprimidas, mas também como facilitadoras e produtoras de percursos analíticos e criativos. Importante ressaltar que o Teatro das Oprimidas é a metodologia usada, e o Laboratório Madalena é o espaço de criação e experimentação cênica, onde o Teatro das Oprimidas não se limita ao Laboratório, mas sim é uma parte essencial, hoje existe a Rede Ma-g-dalena Internacional que se construiu no processo de formação dos grupos Madalenas, existe grupos não só no Brasil, mas também por vários outros países, “A Rede Ma-g-dalena Internacional de Teatro das Oprimidas – RMI se define como espaço feminista, decolonial, antipatriarcal, anticapitalista e ANTIRRACISTA”. (SANTOS, Bárbara, 2019, p.108)

O objetivo é mostrar que os desafios enfrentados pelas mulheres não é o resultado de um comportamento pessoal ou de um erro dramático, mas sim consequências de uma série de mecanismos de opressão, as ferramentas estéticas usadas dentro do laboratório tem a intenção de superar o patriarcado por meio de um feminismo comunitário, uma das técnicas usadas são as sessões do Teatro Fórum, mas dentro do Teatro das Oprimidas ele é um fórum coletivo onde sua abordagem busca evitar uma encenação individualista, mas sim estimular a plateia a compreender o problema, pois ele não se restringe a protagonista, mas sim é um mecanismo de opressão que vem de um problema estrutural, nesse caso o patriarcado.

Quando falamos de um problema estrutural, algo que está enraizando na história da humanidade como o machismo e o racismo por exemplo, não são problemas exclusivos das pessoas que sofrem com eles, mas sim o problema é de todos , quando me perguntam se um homem pode apoiar uma causa feminista, digo obvio que sim, pois você como parte da sociedade deve fazer parte da resolução do problema, ele só deve entender o lugar que ocupa, os privilégios que tem, e a partir desse lugar que ocupa é onde ele vai ajudar e apoiar, o

Laboratório Madalena não é uma exclusão dos homens, mas sim um lugar seguro de compartilhamento e experimentações cênicas onde as mulheres podem se sentir confortáveis e ouvidas e entendidas por outras mulheres.

Nossos processos estéticos propõem que cada pessoa saia de si mesma para se observar enquanto outra. E, ao se olhar de fora, tentar se ver de dentro, tenta se ver na relação que observa. Tentar entender que a intimidade de sua existência não existe fora de relações com outras existências que também se relacionam entre si. As estéticas feministas que desenvolvemos visam explicitar as inter-relações que constituem as experiências pessoais, para descobrir as variáveis envolvidas nessas relações. (SANTOS, Bárbara. 2019, p.113)

O Laboratório possui cinco atos no seu processo, realmente é pensado e feito para mulheres, seguindo uma linha lógica para a construção de algo, para a resposta de alguma pergunta que vai ser feita e construída pelas participantes, onde elas têm a liberdade de questionar até a si mesmas sobre o que é o feminismo e qualquer outro assunto que as atravessem. Barbara Santos conta que como muitas outras mulheres ela demorou para se entender feminista, embora a questão de gênero sempre esteve presente na sua caminhada com o Teatro do Oprimido de forma concreta, mas a consciência do sentido e da importância desse assunto precisou de um tempo de amadurecimento.

Assim como ela também levei um tempo, na minha vida sempre esteve presente a questão de gênero, desde muito pequena, cresci com pessoas muito machistas e crentes no patriarcado, onde era muito bem dividido e ensinado o que as mulheres deve ou não fazer. Levei um tempo para entender que o que me ensinavam era misoginia pura e vinha de uma estrutura patriarcal, quando me dei conta de que não concordava com nada daquilo que era ensinado, mesmo não sabendo ainda o significado das palavras que acabei de citar, quebrei as correntes que me aprisionavam, decidi descobrir quem eu era além daquela menina que deveria sempre servir, mas percebi algo que intrinsecamente já sabia, a sociedade patriarcal é dividida por gênero, e o machismo está em todo o lugar, quando me entendo artista, percebo que quero usar da minha arte para dizer algo, na época queria "mudar o mundo", por muito tempo pensei que para ser feminista devia estar ativamente ligada a algum movimento político feminista, claro que é importante, mas hoje vejo que ser feminista está ligado aquilo em que acredito, nas atitudes do dia a dia e na luta diária em ser uma mulher. Cada mulher é diferente e a sua luta também, hoje entendo o meu lugar de privilégio como mulher branca, algo que eu não entendia

alguns anos atras, hoje continuo querendo de certa forma “mudar o mundo”, mas com mais maturidade, conhecimento e pesquisa.

Quando entro na faculdade percebo como queria ler mais autoras mulheres, estudar mais métodos feitos por mulheres, percebi então que eu poderia ser parte dessa mudança, fazendo um projeto onde estudaria principalmente pesquisadoras mulheres, falaria da importância de termos mulheres na pesquisa, e me tornaria uma pesquisadora mulher. Ainda tenho muito o que aprender, como pesquisadora e feminista, fico feliz por ter começado minha pesquisa lendo um livro de uma mulher tão incrível e inspiradora como Barbara Santos, agradeço a ela e a todas as mulheres pesquisadoras, atrizes , diretoras, encenadoras, escritoras, artistas, ativistas e entre outras que trabalham para que a arte seja mais inclusiva, e que essa arte possa passar uma mensagem decolonial, antirracista e feminista, e assim de alguma forma mudar o mundo para as próximas mulheres que estão por vir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Antonia Pereira. “O Teatro do Oprimido e a Noção de Espectador – Ator: Pessoa e Personagem”. In: Anais do I Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas.

BOAL, Agusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.

CHIARI, Gabriela Serpa. Laboratório Madalenas - Teatro das Oprimidas: inovação pedagógica para o gênero feminino. Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Bárbara. **Teatro das Oprimidas:** Estéticas Feministas para Poéticas Políticas. Rio de Janeiro, Casa Philos, 2019.

VANNUCCI, Alessandra- Lugar de Madalena. In: Metaxis- A revista do Teatro
<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11218/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Gabriela%20Chiari.pdf?sequence=1&isAllowed=y>